



ÁREA TEMÁTICA: Educação e Aprendizagens Sociais

Trajectórias e aspirações escolares no 9º ano de escolaridade: diferenças de classe social, de etnicidade e de género.

SEABRA, Teresa
Mestre em Sociologia
ISCTE
teresa.seabra@iscte.pt

MATEUS, Sandra
Pós-Graduação em Educação e Sociedade
CIES/ISCTE
sandra.mateus@iscte.pt

RODRIGUES, Elisabete
Licenciatura em Sociologia
CIES/ISCTE
elisabete.rodrigues@iscte.pt

Resumo

A comunicação decorre de um projecto de investigação em curso, “Etnicidade, trajectórias escolares e orientações profissionais: jovens descendentes de imigrantes no finalizar da escolaridade obrigatória”, que analisa de que modo as múltiplas diferenciações de condição social, origem nacional das famílias e o género se cruzam e concorrem na definição quer das trajectórias, quer das aspirações e expectativas escolares, prefigurando distintos destinos individuais e configurações sociais mais amplas.

Os dados apresentados têm como suporte um inquérito por questionário a todos os alunos do 9º ano de 13 escolas dos distritos de Lisboa, Setúbal e Faro, seleccionados em função da elevada concentração de estrangeiros. Inquiriram-se 1197 alunos, sendo 789 “autóctones” e 405 “descendentes de imigrantes” (318 com origem nos PALOP).

Os resultados indicam que a ascendência, quando controladas as variáveis de caracterização sócio-demográfica não têm um impacto importante nos percursos escolares dos alunos inquiridos. Ao contrário, as habilitações literárias dos pais dos alunos e o sexo prefiguram-se como mais determinantes na modelação do desempenho escolar. Tanto as aspirações como as expectativas escolares parecem ser mais enformadas pela trajectória escolar dos alunos do que por qualquer outra das variáveis em análise. Quanto à coerência dos projectos escolares desenhou-se uma tipologia reveladora da existência de uma menor indecisão dos alunos com ascendência luso-PALOP; de projectos mais sonhadores para as raparigas; e projectos mais realistas para os alunos com trajectórias de sucesso.

Palavras-chave: Trajectórias escolares; aspirações escolares; género; etnicidade, classes sociais





1. Introdução

Com esta análise pretende-se avaliar, utilizando uma abordagem processual, articulada e multidimensional, a relevância comparativa das condições sociais, familiares (escolaridade, classe social e origem nacional) e de género na definição das trajectórias e escolhas escolares dos jovens no momento em que concluem a escolaridade obrigatória. Qual destas dimensões é mais relevante na explicação das diferenciadas trajectórias, desempenhos e aspirações escolares dos alunos do 9º ano? De que forma estas dimensões se relacionam, se reforçam ou anulam mutuamente?

Os dados resultam da aplicação de um inquérito por questionário¹, realizado no ano lectivo de 2006/07, em treze escolas com 3º ciclo, distribuídas pelos três distritos portugueses em que mais se concentra a população estrangeira (Lisboa, Setúbal e Faro)². Nestas escolas foram inquiridos todos os alunos do 9º ano, tendo-se obtido um total de 1194 inquéritos, dos quais 789 são de alunos “autóctones” e 405 de alunos “descendentes de imigrantes”.

A origem nacional dos alunos foi definida através da naturalidade dos seus pais. Assim, consideraram-se “autóctones” os alunos com ambos os pais nascidos em Portugal, ou referem-se a casos em que algum dos pais nasceu numa ex-colónia portuguesa (quando os avós nasceram em Portugal) ou ainda casos de pais e/ou o próprio aluno a nascerem em países tipicamente de emigração portuguesa (quando os avós nasceram em Portugal). Com a designação de “descendentes de imigrantes” temos todos os alunos com pelo menos um dos pais nascidos no estrangeiro.

2. Perfil social dos alunos

A maior parte dos alunos inquiridos são do sexo feminino (56%), têm ascendência autóctone (66%), as suas famílias enquadram-se nas classes populares (64%) e a maioria dos pais tem baixa escolaridade pois atingiu no máximo o 3º ciclo (62%). Entre os descendentes de imigrantes destacam-se sobretudo as famílias com origem em Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), em que pelo menos um dos pais é natural do continente africano.

Quadro 1: Ascendência dos alunos inquiridos (%)

Autóctones	66,1
Origem imigrante	33,9
Origem PALOP	20,3
Origem luso-PALOP	6,4
Outras origens	7,3
nº	1194

Quer a estrutura de classes, quer a escolaridade dos pais dos alunos variam substancialmente com a ascendência. As famílias autóctones, francamente mais do que as famílias imigrantes, estão representadas nas classes médias/altas. Entre as famílias imigrantes verificam-se fortíssimas clivagens: as famílias com ascendência “mista”, luso-PALOP, mais do que qualquer outro grupo (ligeiramente mais do que os autóctones), destacam-se nas condições de maior privilégio social, sendo especialmente expressivas entre os “Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais”; ao contrário, as famílias com ascendência nos PALOP estão sobretudo representadas nas classes populares.



Quadro 2: Classe social da família, segundo ascendência

		Total	Autóctones	Origem Imigrante	Origem PALOP	Origem luso-PALOP	Outras origens
Classes médias/ altas	EDL	13,1	14,4	10,3	5,2	21,9	13,1
	PTE	22,9	26,0	16,3	16,0	21,9	11,9
	Total	35,9	40,4	26,6	21,2	43,8	25,0
Classes populares	TI	5,0	4,7	5,7	4,7	2,7	10,7
	TIpl	6,5	6,7	6,2	7,5	4,1	4,8
	EE	24,3	25,7	21,4	22,2	21,9	19,0
	AEpl	21,5	17,7	29,5	34,4	20,5	25,0
	AA	0,2	0,0	0,5	0,0	1,4	1,2
	Alpl	0,2	0,1	0,3	0,5	0,0	0,0
	O	6,4	4,7	9,8	9,4	5,5	14,3
	Total	64,1	59,6	73,4	78,8	56,2	75,0
nº		1133	764	369	212	73	84

Legenda: EDL - Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais; PTE - Profissionais Técnicos e de Enquadramento; TI - Trabalhadores Independentes; TIpl - Trabalhadores Independentes Pluriactivos; EE - Empregados Executantes; AEpl - Assalariados Executantes Pluriactivos; AA - Assalariados Agrícolas; Alpl: Agricultores Independentes pluriactivos; O - Operários.

Quanto às habilitações literárias dos progenitores podemos estabelecer paralelos com o que anteriormente foi enunciado, embora aqui a situação privilegiada dos autóctones face aos pais com ascendência estrangeira não seja tão evidente: os pais (homens) imigrantes estão mais representados nos níveis de ensino secundário e superior.

Os pais com origem luso-PALOP e os pais autóctones distribuem-se de forma semelhante pelos diferentes graus de ensino: pouco representados nos graus de ensino menos elevados e mais representados nos graus de ensino secundário e superior (especialmente os luso-PALOP). Os pais com origem nos PALOP, demarcam-se dos anteriores exactamente pela visibilidade na ausência de escolaridade formal e menor representação nos graus mais elevados do ensino (excepção para os pais - homens - com habilitações literárias ao nível do ensino superior).

Quadro 3: Habilitações literárias dos pais (grau de ensino completo)

		Todos	Autóctones	Origem Imigrante	Origem PALOP	Origem luso-PALOP	Outras origens
Mãe	S/ grau ensino	6,7	3,6	12,9	18,5	7,0	3,6
	1º Ciclo	16,7	18,1	14,0	18,0	9,9	7,2
	2º Ciclo	14,5	14,2	15,1	14,7	18,3	13,3
	3º Ciclo	24,8	26,0	22,4	25,3	18,3	18,1
	Ens. Secundário	22,0	23,0	19,9	11,5	28,2	34,9
	Ensino superior	15,3	15,1	15,6	12,0	18,3	22,9
	nº	1124	753	371	217	71	83
Pai	S/ grau ensino	6,0	4,7	8,8	13,1	4,3	1,3
	1º Ciclo	18,0	19,9	14,1	17,5	7,2	11,3
	2º Ciclo	13,3	13,4	13,2	13,1	17,4	10,0
	3º Ciclo	23,9	24,7	22,3	22,3	24,6	20,0
	Ens. Secundário	22,8	22,5	23,4	18,0	24,6	36,3
	Ensino superior	15,9	14,8	18,3	16,0	21,7	21,3
	nº	1087	732	355	206	69	80



3. Trajectórias escolares

As trajectórias escolares dos inquiridos caracterizam-se mais pelo sucesso escolar (58% dos alunos nunca reprovaram) do que pelos percursos assinalados pela experiência da reprovação. Entre as raparigas há uma maior proporção de alunos com trajectórias escolares sem episódios de reprovações (mais 4%); entre os inquiridos de diferentes classes sociais a defasagem entre as trajectórias marcadas pelo sucesso é mais expressiva, com os alunos inseridos em famílias de classes médias/altas a reprovarem menos (19%) que os alunos inseridos em classes populares; quanto às habilitações literárias as diferenças continuam elevadas. As mães com níveis escolares mais elevados (3º ciclo ou mais) estão mais associadas a trajectórias de sucesso escolar (mais 18%), o que também é evidente ao analisar a escolaridade dos pais (mais 18,6 de alunos a protagonizar percursos de sucesso escolar com pais com 3º ciclo ou graus mais elevados, do que entre os pais com 2º ciclo ou menos).

Quanto à ascendência dos inquiridos constata-se que são os alunos autóctones mais do que os alunos descendentes de imigrantes (tomados no seu total) que mais se caracterizam pelo sucesso escolar (mais 12%). Estas diferenças não são tão expressivas como as produzidas pela classe social e pela escolaridade dos pais e tomam inclusive o sentido inverso (diferença ligeira de 2%) se compararmos os alunos autóctones e alunos com ascendência luso-PALOP. Esta aproximação entre os resultados escolares, crê-se que espelha as semelhanças entre a distribuição pela estrutura de classes e as habilitações literárias dos pais.

Quadro 4: Trajectória escolar segundo sexo, classe social, escolaridade dos pais e ascendência dos alunos

		Sucesso* (%)	Total (nº)
Sexo	Raparigas	60,0	667
	Rapazes	56,0	521
	$\Delta\%$	4,0	
Classe social	Classes médias/altas	71,0	403
	Classes populares	52,1	723
	$\Delta\%$	18,9	
Escolaridade mãe	3º ciclo ou mais	65,6	692
	Até 2º ciclo	47,8	425
	$\Delta\%$	17,8	
Escolaridade pai	3º ciclo ou mais	66,6	676
	Até 2º ciclo	48,0	404
	$\Delta\%$	18,6	
Ascendência	Autóctones	62,4	784
	Origem imigrante	50,1	403
	$\Delta\%$	12,3	
	Origem PALOP	42,1	240
	Origem luso-PALOP	64,5	76
Outras origens	59,8	87	
Total		58,2	1188

* Não ter qualquer reprovação ao longo da trajectória escolar.

3.1. Comparando dentro da mesma classe social e nível de escolaridade dos pais

Depois de vislumbradas as tendências associadas aos grandes grupos aqui definidos importa explorar em que medida o sexo, a classe social, as habilitações literárias dos pais e a origem nacional se entrecruzam na definição das trajectórias escolares dos alunos.

Assim, ao homogeneizarmos a classe social das famílias verifica-se que: a) a diferença entre a proporção de alunos com trajectórias marcadas pelo sucesso escolar é ligeiramente mais ampla entre os rapazes do que entre as raparigas; b) as diferenças entre sexos são maiores entre os alunos de classes populares.



Ao considerar a diversidade de ascendências, verifica-se que o efeito de classe nas trajetórias escolares é mais amplo para os alunos autóctones e que, ao contrário, o sucesso dos alunos descendentes de imigrantes (especialmente dos luso-PALOP) está menos relacionado com o lugar que as suas famílias ocupam na estrutura de classes. Por outro lado, constata-se também que é nas classes populares que os alunos descendentes de imigrantes e os alunos autóctones se aproximam e que os grupos específicos dos alunos com ascendência luso-PALOP tomam a dianteira, protagonizando mais percursos caracterizados pelo sucesso escolar.

Quadro 5: Sucesso escolar segundo classe social e ascendência (% sucesso)

Classes	Feminino	Masculino	Autóctones	Origem Imigrante	Origem PALOP	O. luso-PALOP	Outras origens
Médias/altas	72,2	69,4	73,9	61,9	54,5*	71,9*	61,9*
Populares	54,3	49,2	55,2	47,0	39,8	58,5*	58,7

* n < 50

Indo de encontro aos padrões anteriormente desenhados e tendo em conta, desta vez, as habilitações literárias das mães e dos pais, podem fazer-se paralelos: as trajetórias escolares dos alunos autóctones são mais oscilantes do que as dos descendentes de imigrantes (especialmente PALOP e luso-PALOP); quando as habilitações dos pais são mais baixas (até 2º ciclo) os percursos dos alunos descendentes de imigrantes aproximam-se dos autóctones; e os alunos com ascendência luso-PALOP destacam-se positivamente.

Quadro 6: Sucesso escolar segundo as habilitações literárias da mãe e a ascendência (% sucesso)

		Autóctones	Origem Imigrante	Origem PALOP	O. luso-PALOP	Outras origens
Mães	3º ciclo ou mais	69,5	57,0	44,8	63,0*	73,0
	Até 2º ciclo	50,4	43,2	40,0	68,0*	30,0*
Pais	3º ciclo ou mais	71,6	56,6	46,1	69,4*	66,1
	Até 2º ciclo	50,2	43,3	37,1	65,0*	50,0*

* n < 50

O gráfico 1 evidencia que as diferenças entre as trajetórias escolares de alunos com diferentes origens nacionais se esbatem se homogeneizarmos as várias condicionantes do desempenho escolar em análise. Pode verificar-se que a escolaridade da mãe aproxima bastante os desempenhos escolares. No entanto, apesar de a hierarquia permanecer, quase desaparece no caso das raparigas cujas mães tem baixos níveis de escolaridade.

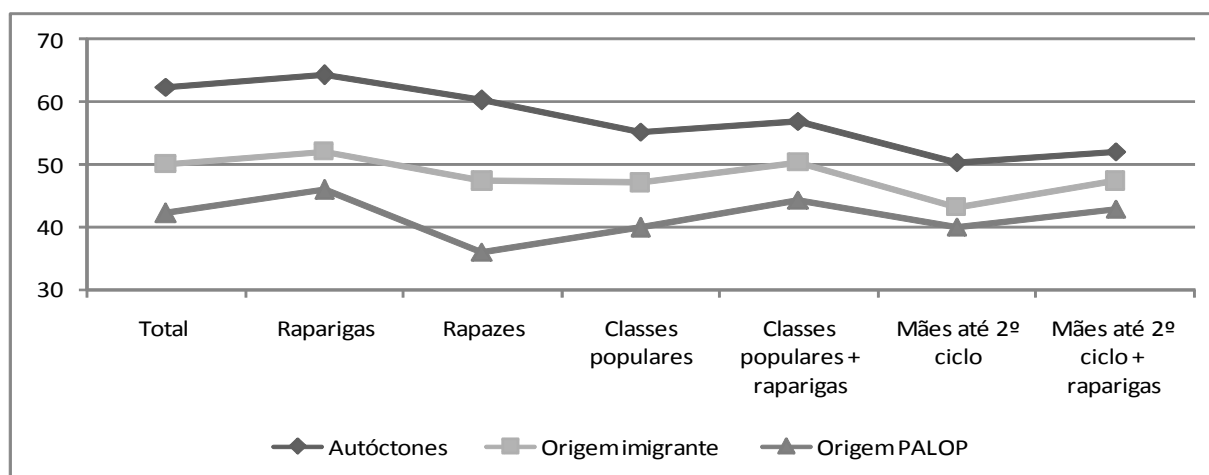


Gráfico 1: Sucesso escolar segundo sexo, classe social, escolaridade das mães e ascendência (%)



3.2. As condicionantes do desempenho escolar

Com o intuito de explicar o número de reprovações acumuladas ao longo da trajectória escolar e averiguar de que forma as diferentes dimensões de análise (sexo, ascendência, escolaridade e classe social dos pais) se reforçam ou anulam, realizou-se uma regressão linear múltipla. O modelo usado é estatisticamente significativo e explica cerca de 11% da variação do número de reprovações ($F_{(7,1011)}=17,443$), sendo que apenas concorrem para a explicação, e por ordem de importância, a escolaridade da mãe, a escolaridade do pai e o sexo dos alunos. Assim, é evidente que no modelo que integra este conjunto de variáveis, nem a classe social das famílias, nem a ascendência do aluno produzem efeito, estatisticamente significativo, na explicação das trajectórias escolares.

Quadro 7: As condicionantes da desempenho escolar
(Regressão Linear Múltipla: método Enter)

Variáveis independentes	Beta
Escolaridade da mãe	- 0,161**
Escolaridade do pai	- 0,142**
Sexo (feminino)	- 0,064*
Classe social (médias/altas)	- 0,028
Ascendência autóctone	- 0,092
Ascendência luso-PALOP	- 0,037
Ascendência PALOP	0,058
R_a^2	0,108**

* $p < 0,05$ ** $p < 0,001$

4. Aspirações e expectativas escolares

Quanto às aspirações escolares dos alunos verifica-se que são maioritariamente elevadas (63% dos inquiridos espera frequentar o ensino superior, completando pelo menos uma licenciatura) e as variações assumem sentidos semelhantes aos descritos para as trajectórias escolares. Assim, é também mais frequente entre as raparigas do que entre os rapazes encontrar indicação de aspirações mais elevadas (mais 12%), assumindo aqui esta diferença uma expressividade maior do que a encontrada entre as trajectórias escolares. Ou seja, para além dos desempenhos mais bem sucedidas, as suas aspirações aparecem aqui super-potenciadas.

O impacto da classe social das famílias de origem dos alunos nas aspirações escolares assume tendências semelhantes para às encontradas nas trajectórias, associando-se maiores aspirações às classes médias/elevadas (mais 20% do que nas classes populares). Quanto às habilitações escolares dos pais dos inquiridos observa-se, mais uma vez, que, tal como os melhores desempenhos, são as aspirações escolares mais elevadas que mais estão associadas quer a mães (mais 21%), quer a pais (mais 20%) mais escolarizados. Quanto à origem nacional já não se verificam diferenças expressivas entre os alunos autóctones e os descendentes de imigrantes. No entanto, entre o grupo dos alunos descendentes de imigrantes continuam a verificar-se diferentes tendências: os alunos com ascendência luso-PALOP sobressaem pelas elevadas aspirações e, inversamente, os alunos descendentes de imigrantes com origem nos PALOP destacam-se pelas baixas aspirações.

Para além das aspirações averiguaram-se também as expectativas escolares dos alunos, perdendo, desta vez, sentido algumas das regularidades encontradas. As diferenças entre as expectativas escolares dos alunos, tendo em consideração as diferenças encontradas nas aspirações, já não são tão elevadas entre raparigas e rapazes; são semelhantes para pais com diferentes habilitações literárias; e, ao contrário, as classes produzem agora maiores disparidades nas respostas dadas. Os alunos inseridos em famílias populares, mais do que os alunos das classes médias/altas, revelam expectativas escolares muito inferiores às aspiradas (desejadas). A amplitude das diferenças entre as respostas dos alunos autóctones e alunos



descendentes de imigrantes assume agora uma proporção maior, continuando no entanto o grupo dos alunos luso-PALOP a demarcar-se pelas expectativas mais elevadas.

No conjunto das variáveis em análise verifica-se que: a) tanto as aspirações como as expectativas aparecem moldadas, sobretudo, pela anterior trajetória escolar; b) as raparigas quando confrontadas com a viabilidade de concretização dos seus projectos, aproximam-se dos rapazes, o que não acontecia nas aspirações; c) a origem nacional não concorre para a definição dos projectos idealizados, constringendo no entanto as expectativas especialmente as dos jovens descendentes de imigrantes.

Quadro 8: Aspirações e expectativas escolares dos alunos segundo sexo, classe social, escolaridade dos pais e ascendência dos alunos (% licenciatura ou mais)

		Aspirações (a)	Expectativas (b)	$\Delta\%$ a e b
Sexo	Raparigas	68,6	46,5	22,1
	Rapazes	56,2	42,3	13,9
	$\Delta\%$	12,4	4,2	
Classe social	Classes médias/altas	76,9	62,2	14,7
	Classes populares	56,7	36,6	20,1
	$\Delta\%$	20,2	25,6	
Escolaridade Mãe	Até 2º ciclo	50,7	32,4	18,3
	3º ciclo ou mais	72,1	53,9	18,2
	$\Delta\%$	21,4	21,5	
Escolaridade Pai	Até 2º ciclo	52,2	33,5	18,7
	3º ciclo ou mais	71,7	53,7	18,0
	$\Delta\%$	19,5	20,2	
Ascendência	Autóctones	63,8	47,8	16,0
	Origem imigrante	62,0	38,5	23,5
	$\Delta\%$	1,8	9,3	
	Origem PALOP	57,0	31,4	25,6
	Origem luso-PALOP	77,6	53,9	23,7
	Outras origens	62,1	44,8	17,3
Trajetórias escolares	Sucesso	76,0	59,9	16,1
	Insucesso	45,0	23,2	21,8
	$\Delta\%$	31,0	36,7	
Total (%)		63,1	44,6	18,5

O gráfico 2 permite averiguar como as aspirações escolares não estão constringidas pelas variáveis que concorrem para a definição das trajetórias escolares. Destaca-se, ainda, que: a) a coincidência de ser rapaz e ter origem nos PALOP se traduz num forte declínio das aspirações escolares; b) quando consideramos apenas os jovens com mães de baixa escolaridade, a hierarquia entre alunos de diferentes origens nacionais se inverte, sobressaindo aqui os alunos descendentes de PALOP pelas aspirações mais elevadas, embora seja ligeira a diferença.

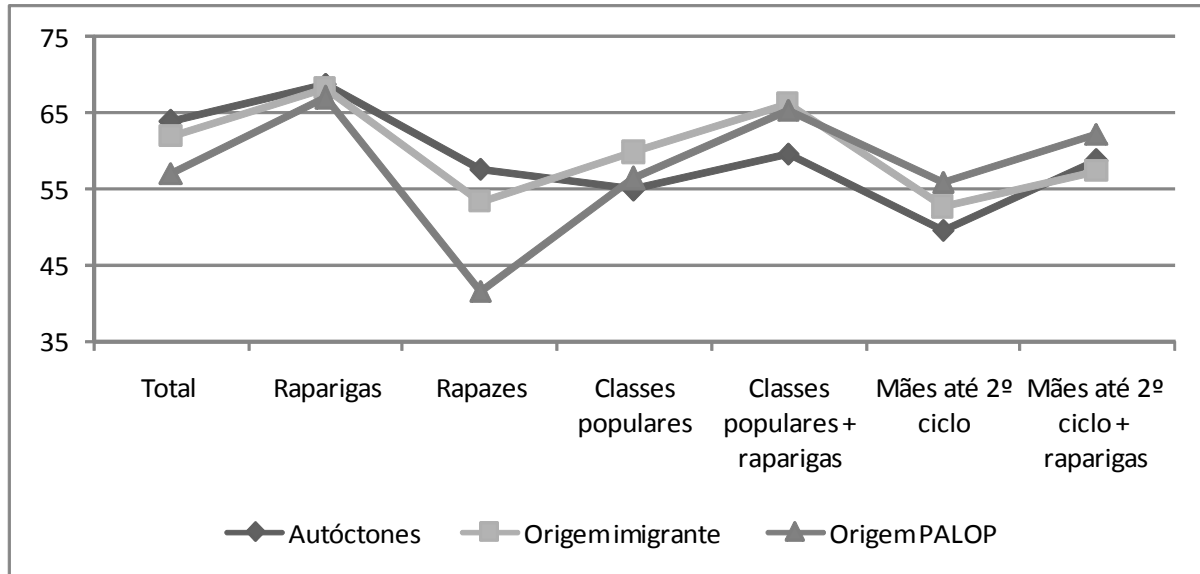


Gráfico 2: Aspirações escolares segundo sexo, classe social, escolaridade das mães e ascendência (% licenciatura ou mais)

O gráfico 3 permite verificar que as expectativas escolares são constrangidas pelas mesmas variáveis que concorrem para a definição das trajetórias escolares. Da mesma forma, ao homogeneizar, por exemplo sexo e nível de escolaridade das mães verifica-se claramente que as expectativas dos alunos se aproximam.

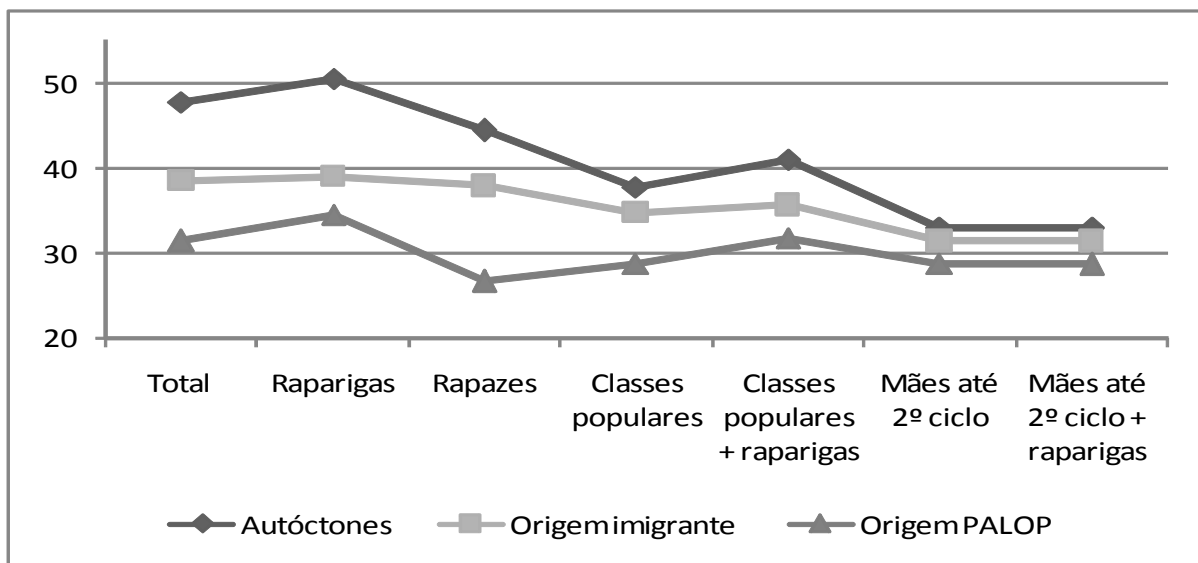


Gráfico 3: Expectativas escolares segundo sexo, classe social, escolaridade das mães e ascendência (% licenciatura ou mais)

4.1. Tipologia de projectos escolares (aspirações & expectativas)

Articulando aspirações e expectativas escolares concebeu-se uma tipologia que caracteriza os alunos quanto à congruência e definição dos seus projectos escolares. O resultado reflecte-se na concessão de 3 tipos de projectos: incoerentes (as aspirações não coincidem com as expectativas; indecisos (a maior parte destes alunos não definiram as suas aspirações nem as expectativas); coerentes (as aspirações e as expectativas são coincidentes).



Quadro 9: Tipologia de projectos escolares (%)

		Sonhadores	Indecisos	Realistas
Aspirações	Não sabe/Não resposta	0,0	100,0	0,0
	12º ano ou menos	13,2	0,0	36,1
	Licenciatura ou mais	86,8	0,0	63,9
Expectativas	Não sabe/Não resposta	54,9	54,5	0,0
	12º ano ou menos	45,1	35,7	35,5
	Licenciatura ou mais	0,0	9,8	64,5
	nº	273	112	809

A partir desta tipologia importa agora perceber como os alunos se distribuem perante os diferentes tipos de projectos. Os alunos que protagonizam trajetórias de sucesso estão mais representados nos projectos coerentes (mais 7%); as raparigas, mais do que os rapazes, revelam projectos incoerentes (mais 9%) e indecisos (mais 2%); os alunos inseridos em famílias de classes médias/altas, mais do que nas classes populares, indicaram projectos coerentes (10%) e menos indecisão (3%); os alunos, quer com mães, quer com pais, mais escolarizados estão mais representados nos projectos indicativos de congruência (mais 7%); por último, tendo em consideração a ascendência dos alunos, verifica-se que são os alunos com origem luso-PALOP (tal como o grupo que agrega os outros alunos com outra origem imigrante) que mais se concentram nos projectos coerentes (mais 2% que os alunos autóctones) e menos nos indecisos (menos 7% que os autóctones); por outro lado, são os alunos com ascendência nos PALOP que mais estão representados nos projectos reveladores de incoerência (mais 10% que os alunos autóctones), bem como na indefinição (mais 5% que os alunos autóctones).

Quadro 10: Distribuição dos alunos pela tipologia de projectos escolares

		Sonhadores	Indecisos	Realistas	Total (nº)
Trajetórias escolares	Sucesso	19,8	9,3	70,9	691
	Insucesso	26,8	9,7	63,5	496
Sexo	Feminino	26,9	10,3	62,8	669
	Masculino	17,7	8,2	74,1	525
Classe social	Médias/altas	18,2	7,1	74,7	407
	Populares	24,9	9,9	65,2	726
Escolaridade Mãe	Até 2º ciclo	24,4	11,5	64,1	426
	3º ciclo ou mais	21,3	7,3	71,3	698
Escolaridade Pai	Até 2º ciclo	25,6	10,1	64,3	406
	3º ciclo ou mais	20,7	7,6	71,7	681
Ascendência	Autóctones	20,7	8,7	70,6	789
	Origem Imigrante	27,2	10,6	62,2	405
	Origem PALOP	31,0	13,6	55,4	242
	Origem Luso-PALOP	26,3	1,3	72,4	76
	Outras origens	17,2	10,3	72,4	87

5. Análise de Correspondências Múltiplas

Para uma apreensão mais integrada do que até agora se tem dito seleccionaram-se, para projectar num espaço multidimensional, variáveis indicativas das trajetórias escolares dos alunos (sucesso: ausência de reprovações; insucesso: uma ou mais reprovações); do perfil das famílias (classe social e escolaridade da mãe); a ascendência; o sexo; e a tipologia de projectos escolares já descrita.

Com o conjunto de variáveis utilizadas as duas primeiras dimensões extraídas explicam 47% da variação existente na população inquirida, mais a primeira (inércia=0,276) do que a segunda (inércia=0,189).



Quadro 11: Caracterização das dimensões

Dimensão I: Trajectória escolar	Dimensão II: Projecto escolar
Ascendência	Tipologia de projectos escolares
Trajectória escolar	Sexo
Escolaridade da mãe	
Classe Social	

A leitura do gráfico evidencia configurações bem definidas, clarificando e tornando mais óbvia a situação de desprivilégio dos alunos com origem nos PALOP. Estes alunos aparecem associados às classes populares, a mães com baixas habilitações literárias, insucesso escolar e projectos escolares “indecisos”. Ao contrário, os alunos autóctones e com origem luso-PALOP estão privilegiadamente associados a famílias de classes médias/altas, mães com habilitações literárias iguais ou superiores ao 3º ciclo, percursos escolares marcados pelo sucesso e projectos “realistas”.

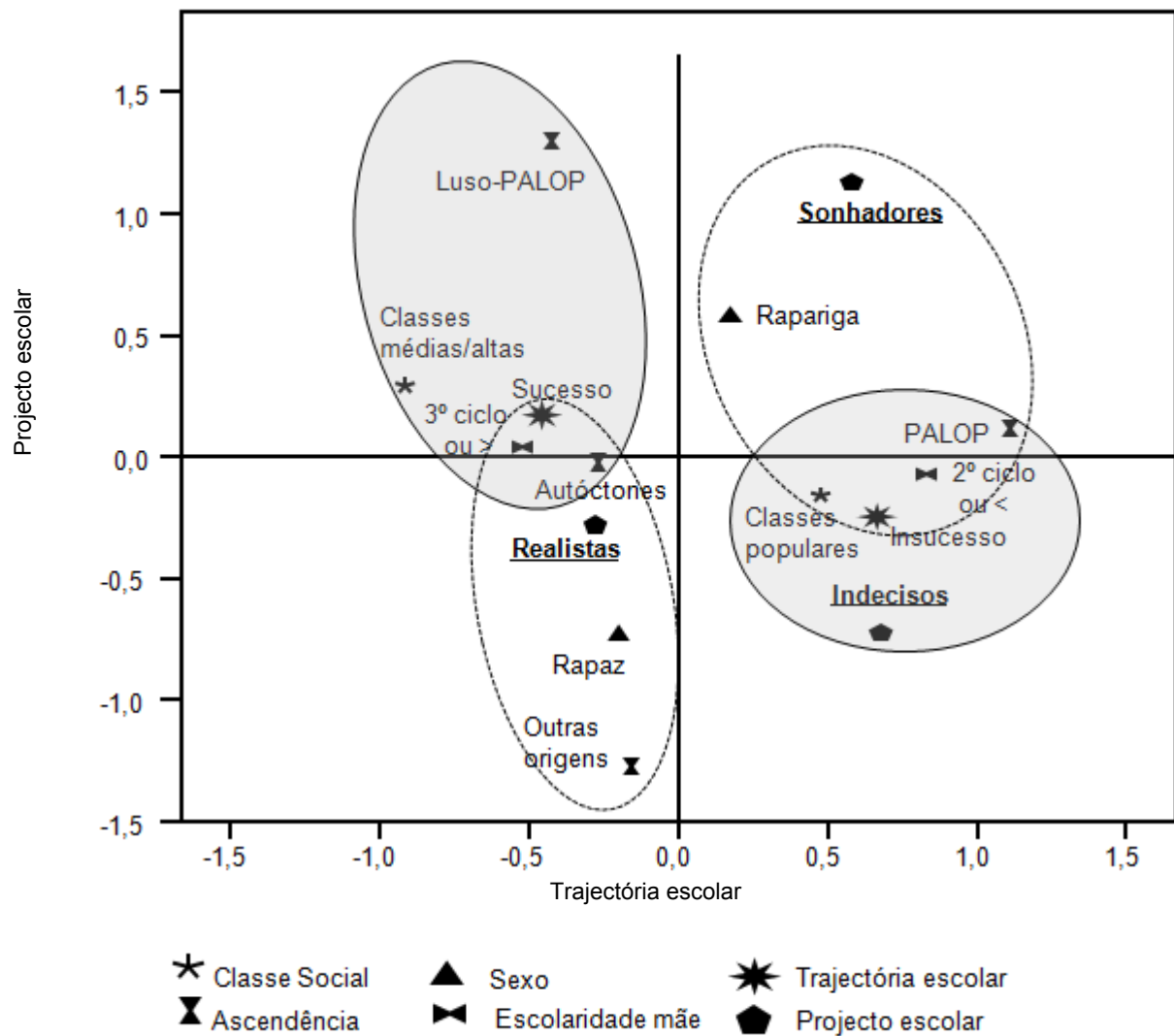


Gráfico 3: Configuração dos alunos no espaço social

¹ Este inquérito integra o Projecto “Etnicidade, trajectórias escolares e orientações profissionais: jovens descendentes de imigrantes no finalizar da escolaridade obrigatória”, coordenado por Teresa Seabra, desenvolvido pelo CIES/ISCTE, com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (POCI/SOC/57872/2004).

² A selecção das escolas baseou-se no cruzamento de informação proveniente do INE e Censos 2001, que permitiu identificar os 3 distritos do país com maior número de jovens estrangeiros: Lisboa, Setúbal e Faro.